

FORMAÇÃO MÉDICA POR SIMULAÇÃO

DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS
CLÍNICAS, ÉTICAS E COMUNICACIONAIS



Maria Eduarda Bello Cosendey Ribeiro
Christina Silva Costa Klippel

Flávio Machado (Org)



FORMAÇÃO MÉDICA POR SIMULAÇÃO
Desenvolvimento de Competências Clínicas,
Éticas e Comunicacionais

FORMAÇÃO MÉDICA POR SIMULAÇÃO **Desenvolvimento de Competências Clínicas, Éticas e Comunicacionais**

Autores

Maria Eduarda Bello Cosendey Ribeiro
Christina Silva Costa Klippel

Organizador

Flávio Vaz Machado



Título original: Formação Médica por Simulação:
Desenvolvimento de Competências Clínicas, Éticas e
Comunicacionais

Copyright © 2026 por Dream Work Editora ltda

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Ribeiro, Maria Eduarda Bello Cosendey
Formação médica por simulação [livro
eletrônico] : desenvolvimento de competências
clínicas, éticas e comunicacionais / Maria Eduarda
Bello Cosendey Ribeiro, Christina Silva Costa
Klippel ; organização Flávio Vaz Machado. --
Rio de Janeiro : Ed. das Autoras, 2026.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-01-92242-3

1. Medicina - Estudo e ensino 2. Medicina e saúde
3. Médicos - Formação profissional I. Klippel,
Christina Silva Costa. II. Machado, Flávio Vaz.
III. Título.

26-333803.0

CDD-610.69

Índices para catálogo sistemático:

1. Médicos : Formação profissional 610.69

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

ISBN: 978-65-01-62289-7

ORL



9 786501 622897

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1.....	10
O Valor da Simulação no Ensino da Abordagem ao Paciente com Dor Torácica na Emergência	10
CAPÍTULO 2.....	16
Programa de Simulação em Emergência Oftalmológica Direcionado a Discentes de Medicina	16
CAPÍTULO 3.....	23
O Valor do Ensino da Telessaúde no Acompanhamento do Paciente Oncológico para Internos de Medicina.....	23
CAPÍTULO 4.....	30
O papel da Simulação no Treinamento de equipes de Emergência	30

CAPÍTULO 5.....	40
Simulação de Comunicação de Más Notícias ao Paciente Oncológico com Base no Protocolo SPIKES	40
CAPÍTULO 6.....	48
Simulação de Atividade Educativa Direcionada a Internos de Medicina: Simulação de Experiência em Provas de Residência Médica	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	60

INTRODUÇÃO

A formação médica contemporânea enfrenta desafios cada vez mais complexos, impulsionados pelas rápidas transformações científicas, tecnológicas e sociais que impactam diretamente a prática assistencial. Nesse cenário, torna-se essencial adotar estratégias educacionais capazes de preparar o futuro médico não apenas do ponto de vista técnico-científico, mas também no desenvolvimento de competências clínicas, éticas, comunicacionais e emocionais. Entre essas estratégias, a Simulação clínica destaca-se como uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem amplamente reconhecida por sua eficácia e segurança.

A Simulação permite que estudantes de Medicina vivenciem situações clínicas realistas em um ambiente controlado, possibilitando a integração entre teoria e prática sem expor pacientes reais a

riscos. Por meio dessa abordagem, os discentes podem desenvolver o raciocínio clínico, a tomada de decisão sob pressão, o trabalho em equipe, a comunicação efetiva e o manejo de situações críticas, além de refletirem sobre suas condutas a partir de *feedback* estruturado, especialmente durante as sessões de *Debriefing*.

Este livro reúne experiências educacionais baseadas em Simulação clínica aplicadas à formação de internos de Medicina, com ênfase em cenários de Emergência, Oncologia, Comunicação de Más Notícias, Telessaúde e avaliação prática semelhante às provas de residência médica. Os capítulos apresentam programas e atividades educativas desenvolvidos com diferentes níveis de complexidade, contemplando desde o atendimento a pacientes com dor torácica e emergências oftalmológicas até o cuidado ao paciente oncológico em situações críticas e paliativas.

Ao abordar o uso da Simulação em contextos

variados da prática médica, a obra evidencia sua versatilidade como ferramenta pedagógica e sua contribuição para a formação de profissionais mais preparados, seguros e humanizados. Destaca-se, ainda, a importância do alinhamento dessas atividades com protocolos clínicos reconhecidos, princípios da Ética Médica e diretrizes nacionais e internacionais, reforçando o compromisso com a qualidade do cuidado em saúde.

Destinado a docentes, preceptores, estudantes de Medicina e profissionais interessados em educação médica, este livro busca não apenas relatar experiências exitosas, mas também incentivar a implementação e ampliação de programas de Simulação clínica nos currículos de graduação. Acredita-se que investir em metodologias ativas como a Simulação é investir na formação de médicos mais competentes, críticos e preparados para os desafios da prática profissional contemporânea.

CAPÍTULO 1

O Valor da Simulação no Ensino da Abordagem ao Paciente com Dor Torácica na Emergência

A dor torácica é uma das principais queixas nos Serviços de Emergência e representa um desafio diagnóstico significativo para o médico, uma vez que pode estar associada a condições potencialmente fatais, como a síndrome coronariana aguda, o tromboembolismo pulmonar e a dissecção de aorta. Diante dessa complexidade, a abordagem rápida, sistematizada e baseada em protocolos é fundamental para garantir um atendimento seguro e eficaz.

Nesse contexto, a Simulação clínica destaca-se como uma estratégia educacional de grande

relevância no ensino médico. Essa metodologia contribui de forma expressiva para a aprendizagem dos estudantes de Medicina, ao permitir o treinamento em um ambiente controlado e seguro, no qual os discentes podem realizar procedimentos, tomar decisões críticas e errar sem risco de causar danos a pacientes reais.

Entre os principais benefícios da Simulação estão o desenvolvimento de habilidades técnicas e não técnicas, como comunicação efetiva, trabalho em equipe, liderança e tomada de decisão sob pressão. Além disso, a Simulação possibilita a aplicação prática de protocolos clínicos, a integração entre conhecimentos teóricos e práticos e o treinamento de procedimentos invasivos em manequins de alta fidelidade, favorecendo a consolidação do aprendizado.

O objetivo deste é descrever um programa de ensino baseado em Simulação sobre a abordagem do

paciente com dor torácica na Emergência, com foco na aplicação do protocolo da Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC), direcionado a internos de Medicina de uma universidade localizada na cidade do Rio de Janeiro.

Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem qualitativa, baseado na realização de uma atividade educativa estruturada em três cenários distintos de Simulação clínica envolvendo pacientes acometidos por dor torácica.

Durante os cenários, os internos foram desafiados a realizar, em um tempo máximo de 10 minutos, a anamnese direcionada, a monitorização cardíaca e a interpretação do eletrocardiograma (ECG), com o objetivo de estabelecer o diagnóstico e definir a conduta médica mais adequada para cada caso apresentado.

Para a execução das Simulações, foram

utilizados simuladores de alta fidelidade, equipamentos de monitorização cardíaca e de realização de ECG, recursos simulados de terapia intensiva respiratória e medicamentosa, além da disponibilização de resultados de exames laboratoriais e de imagem, conforme a evolução clínica do paciente simulado.

Um professor atuou como facilitador durante os cenários de Simulação, orientando os internos quando necessário, e conduziu as sessões de *Debriefing*. O *Debriefing* consistiu em uma discussão guiada realizada após cada Simulação, na qual os participantes analisaram suas condutas, refletiram sobre decisões tomadas e identificaram pontos fortes e aspectos a serem aprimorados.

Durante a atividade educativa, os internos demonstraram bom desempenho no atendimento ao paciente acometido por dor torácica na Emergência. Observou-se adequado desenvolvimento do

raciocínio clínico, correta interpretação dos achados clínicos e eletrocardiográficos, bem como a adoção de condutas médicas assertivas, alinhadas ao protocolo da Sociedade Brasileira de Cardiologia.

Os cenários permitiram aos estudantes reconhecer sinais e sintomas críticos, estabelecer diagnósticos precisos e tomar decisões rápidas em ambiente de alta pressão, contribuindo para o fortalecimento da confiança e da autonomia clínica.

A Simulação oferece cenários realistas que desafiam os participantes a pensar criticamente e agir de forma rápida e fundamentada. Essa metodologia aprimora a capacidade de reconhecimento precoce de condições graves, favorece diagnósticos precisos e orienta a definição de linhas de tratamento baseadas em protocolos nacionais e internacionais.

Além disso, a prática em cenários simulados de alta complexidade contribui para a redução da

ansiedade dos estudantes quando expostos a situações reais na Emergência. Por meio do *Debriefing*, a Simulação proporciona uma análise imediata, reflexiva e construtiva das condutas adotadas, permitindo que os internos aprendam com seus erros e aprimorem continuamente suas habilidades clínicas.

CAPÍTULO 2

Programa de Simulação em Emergência Oftalmológica Direcionado a Discentes de Medicina

Os traumatismos oculares representam uma parcela significativa dos atendimentos realizados nos Serviços de Emergência, sendo responsáveis por importantes alterações funcionais da estrutura óptica e por um elevado risco de comprometimento permanente da visão. De acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), estima-se que aproximadamente 55 milhões de casos de trauma ocular ocorram anualmente em todo o mundo, resultando, em muitos casos, na redução das atividades diárias dos indivíduos por pelo menos 24 horas.

Uma proporção considerável desses traumatismos está relacionada a acidentes durante atividades laborais e situações de trauma, correspondendo a cerca de 50% dos casos registrados. A elevada prevalência de emergências oftalmológicas reforça a necessidade de que médicos que atuam em serviços de urgência e emergência estejam devidamente capacitados para reconhecer, avaliar e manejar essas condições de forma rápida e eficaz.

Nesse contexto, a formação adequada de estudantes de Medicina torna-se essencial para garantir uma assistência segura e qualificada. A utilização da Simulação clínica como estratégia de ensino permite que os discentes adquiram habilidades práticas e desenvolvam o raciocínio clínico em um ambiente controlado, contribuindo de maneira significativa para sua preparação profissional futura nos Serviços de Emergência.

Este estudo descreve um Programa de

Simulação em Emergência Oftalmológica no atendimento ao paciente vítima de traumatismo ocular, direcionado a acadêmicos de Medicina, com foco no manejo inicial, monitoramento e estabilização do paciente.

A metodologia se baseia em um estudo descritivo, com abordagem qualitativa, baseado na implementação de uma atividade educativa direcionada a acadêmicos de Medicina do oitavo período. O programa consistiu na Simulação clínica de dois cenários distintos de trauma ocular, elaborados para representar situações frequentemente encontradas nos Serviços de Emergência.

Em cada cenário, um professor atuou como facilitador do processo de ensino-aprendizagem, enquanto dois estudantes prestaram assistência ao paciente simulado. Os cenários foram desenvolvidos com o objetivo de estimular o raciocínio clínico, a

identificação de sinais de gravidade e a adoção de condutas adequadas frente ao traumatismo ocular.

Após a realização de cada Simulação, o professor conduziu uma sessão de *Debriefing* com todos os participantes. Esse momento foi dedicado à reflexão sobre as ações realizadas, discussão de acertos e pontos de melhoria, além do esclarecimento de dúvidas relacionadas ao atendimento emergencial oftalmológico.

Durante o Programa de Simulação em Emergência Oftalmológica, os estudantes apresentaram bom desempenho no atendimento de emergência ao paciente vítima de traumatismo ocular. Observou-se adequada condução da avaliação inicial, reconhecimento das situações de risco e aplicação de medidas apropriadas para estabilização do paciente.

A exposição dos estudantes a cenários

semelhantes aos encontrados na prática clínica real demonstrou ser um fator determinante para o aprimoramento de suas habilidades técnicas e aumento da confiança na tomada de decisões. As simulações contribuíram de forma significativa para a formação acadêmica e o desenvolvimento da competência clínica dos participantes.

O Programa de Simulação em Emergência Oftalmológica demonstrou resultados positivos no processo de aprendizagem de estudantes de Medicina do oitavo período, consolidando-se como uma estratégia eficaz de ensino prático. Ao proporcionar experiências realistas em ambiente seguro, o programa prepara os futuros médicos para lidar com situações reais de forma segura, ética e eficiente.

Diante dos benefícios observados, o estudo sugere que educadores implementem o Programa de Simulação em Emergência Oftalmológica em uma experiência educacional mais ampla, fortalecendo a

formação médica e a qualidade da assistência prestada nos Serviços de Emergência.

CAPÍTULO 3

O Valor do Ensino da Telessaúde no Acompanhamento do Paciente Oncológico para Internos de Medicina

A Telessaúde tem se consolidado como uma importante ferramenta de apoio à assistência em saúde, especialmente em um contexto de avanços tecnológicos e da necessidade de ampliar o acesso aos serviços médicos. Essa modalidade envolve o uso de tecnologias de informação e comunicação para a transmissão de dados clínicos, possibilitando o atendimento, o acompanhamento e o monitoramento remoto de pacientes. Por meio de recursos eletrônicos, como plataformas digitais, videochamadas e mensagens eletrônicas, a Telessaúde permite a prestação de cuidados médicos

à distância, reduzindo custos, otimizando tempo e superando barreiras geográficas.

O impacto positivo da Telessaúde é ainda mais evidente em populações que vivem em áreas remotas ou com acesso limitado a serviços especializados. Nesse cenário, pacientes oncológicos representam um grupo particularmente beneficiado, uma vez que o acompanhamento contínuo, o manejo de sintomas e a avaliação de complicações muitas vezes não podem ser interrompidos. Em determinadas situações, o atendimento remoto torna-se não apenas uma alternativa, mas a única opção viável para garantir assistência adequada.

Diante dessa realidade, o ensino da Telessaúde passou a ser progressivamente incorporado à formação médica, especialmente em países como os Estados Unidos, onde programas educacionais voltados à capacitação de internos de Medicina têm sido amplamente incentivados. Preparar futuros

médicos para o uso ético, técnico e humanizado da Telessaúde é fundamental para que estejam aptos a atuar de forma segura e eficiente na prática clínica contemporânea.

Este capítulo tem como objetivo descrever um programa de ensino de Telessaúde baseado em Simulação, direcionado a internos de Medicina, com foco no acompanhamento remoto de pacientes oncológicos e fundamentado nos princípios da Ética Médica.

Tem-se como base metodológica um estudo descritivo, com abordagem qualitativa, que buscou analisar a experiência de ensino da Telessaúde por meio da Simulação clínica. A trajetória metodológica incluiu, inicialmente, a organização da infraestrutura tecnológica necessária para a transmissão de teleconsultas e mensagens eletrônicas, utilizando uma plataforma digital adequada ao atendimento remoto.

Foram desenvolvidos dois cenários de Simulação de atendimento a pacientes oncológicos à distância, cuidadosamente elaborados para reproduzir situações clínicas frequentes e relevantes na prática médica. Um professor atuou como facilitador durante todo o processo, orientando os internos, estimulando o raciocínio clínico e promovendo reflexões éticas e técnicas ao longo das simulações. Dois internos de Medicina participaram ativamente de cada cenário, assumindo o papel de médicos responsáveis pelo atendimento remoto do paciente simulado.

O primeiro cenário envolveu uma paciente diagnosticada com Linfoma de Hodgkin, em estadiamento II, após o início do tratamento quimioterápico. A paciente relatava febre elevada aferida, associada a calafrios, fadiga intensa e episódios ocasionais de tosse seca. Esse cenário teve como objetivo avaliar a capacidade dos internos em

reconhecer sinais de possível complicação infecciosa, conduzir uma anamnese adequada à distância e orientar corretamente a conduta clínica.

O segundo cenário apresentou um paciente com diagnóstico de Câncer de Pulmão de Pequenas Células em Estágio IV, com múltiplas metástases, em acompanhamento paliativo domiciliar. O paciente referia dispneia, fadiga intensa e dor óssea nos últimos dois dias. Nesse contexto, a Simulação buscou desenvolver habilidades relacionadas ao manejo de sintomas, comunicação empática, tomada de decisão ética e cuidados paliativos no ambiente domiciliar por meio da Telessaúde.

Durante o desenvolvimento do programa, observou-se que os internos demonstraram confiança crescente no uso das ferramentas tecnológicas empregadas para o atendimento remoto. Inicialmente, alguns desafios relacionados à condução da consulta à distância foram identificados,

especialmente no que se refere à formulação de perguntas claras e objetivas. No entanto, ao longo das simulações, houve uma evolução significativa no desempenho dos alunos.

A orientação contínua dos professores facilitadores foi fundamental para esse progresso, auxiliando os internos a direcionarem melhor as perguntas, organizarem o raciocínio clínico e identificarem soluções adequadas para os problemas apresentados pelos pacientes simulados. Além disso, os cenários permitiram o desenvolvimento de habilidades de comunicação, empatia e ética profissional, aspectos essenciais no cuidado ao paciente oncológico.

O ensino do atendimento remoto por meio da Telessaúde despertou grande interesse entre os internos de Medicina, refletindo a relevância crescente dessa modalidade na prática médica atual. A experiência com Simulação mostrou-se eficaz para

preparar os estudantes para situações reais, promovendo segurança, competência técnica e sensibilidade ética.

Dessa forma, conclui-se que internos de Medicina que recebem treinamento adequado em Telessaúde estão mais bem preparados para lidar com os desafios do acompanhamento remoto de pacientes oncológicos, contribuindo para uma assistência mais acessível, humanizada e alinhada às demandas da medicina contemporânea.

CAPÍTULO 4

O papel da Simulação no Treinamento de equipes de Emergência

A Simulação tem se consolidado como uma ferramenta indispensável no treinamento de equipes de emergência, proporcionando um ambiente seguro para a prática de habilidades críticas sem riscos aos pacientes. Em contextos clínicos de alta complexidade e imprevisibilidade, a exposição dos profissionais a cenários controlados e altamente realistas permite a vivência de situações próximas da realidade, sem comprometer a segurança do atendimento. Isso favorece o treinamento técnico, o raciocínio clínico, a tomada de decisão sob pressão e o alinhamento entre teoria e prática, elementos fundamentais no preparo de equipes que atuam em serviços de urgência e

emergência.

A relevância da Simulação nesse campo reside, sobretudo, em sua capacidade de criar cenários que desafiam a equipe em múltiplas frentes: conhecimento técnico, coordenação entre profissionais, comunicação eficaz e controle emocional. Ao permitir que os profissionais enfrentem, ainda que de forma simulada, situações críticas como parada cardiorrespiratória, politraumatismos ou choque anafilático, a metodologia proporciona um espaço de aprendizagem rica, com margem para erro, correção e aperfeiçoamento.

Nesse sentido, Jenvald e Morin (2004) ressaltam que a Simulação de ambientes perigosos expõe os treinandos a riscos controlados, promovendo aprendizado sem comprometer a integridade física de pacientes ou profissionais (Jenvald; Morin, 2004).

Os resultados práticos desse tipo de treinamento são consistentes. Estudos como o de Lateef *et al.* (2015), por exemplo, apontam que profissionais submetidos à Simulação demonstram melhorias significativas no desempenho durante o atendimento real. O estudo revelou que os participantes reconheceram ganhos nas competências médicas e nas habilidades de liderança e comunicação, todos essenciais à eficiência no atendimento emergencial. Os autores também destacam que, mesmo utilizando Simulação de baixa fidelidade, os profissionais avaliaram positivamente os cenários e relataram que os aprendizados impactariam diretamente os desfechos clínicos dos pacientes.

Além das habilidades técnicas, a Simulação fortalece competências não técnicas, igualmente vitais na emergência. Comunicação assertiva, empatia, liderança situacional, tomada de decisões em equipe e

autocontrole emocional são frequentemente apontados como diferenciais em equipes de alto desempenho.

Mitie *et al.* (2023) identificaram, por meio de estudo quase-experimental com técnicos de enfermagem e condutores de ambulância, ganhos expressivos em conhecimento e desempenho após a Simulação. Questões relacionadas à cinemática do trauma, avaliação primária e reconhecimento de sinais de choque apresentaram acurácia acima de 90% no pós-teste, evidenciando o poder transformador da estratégia.

A avaliação do desempenho também é uma vantagem notável da Simulação. Ao registrar vídeos, analisar a atuação dos profissionais e realizar sessões de *Debriefing* reflexivo, é possível identificar pontos fortes e fracos das intervenções. Segundo Kincaid *et al.* (2003), o uso de técnicas de Simulação nos treinamentos de resposta a desastres possibilita

ganhos substanciais em segurança, qualidade e eficácia em comparação a exercícios tradicionais de campo. Esses dados permitem intervenções pedagógicas mais precisas, *feedbacks* construtivos e a criação de planos de melhoria contínua.

Mesmo entre equipes experientes, os ganhos são perceptíveis. Um estudo conduzido por Rall e Dieckmann (2006), em treinamentos realizados dentro de jatos da equipe de resgate aéreo da Alemanha, demonstrou que profissionais com anos de atuação ainda encontravam pontos de aprimoramento ao serem expostos a Simulações *in situ*.

Já as competências de gerenciamento de crise, coordenação interprofissional e comunicação foram identificadas como áreas de evolução. Além disso, foram observadas melhorias no uso dos recursos disponíveis e maior precisão nas ações clínicas, indicando que mesmo os veteranos se beneficiam de

treinamentos periódicos em cenários simulados .

A contribuição da Simulação para a segurança do paciente é um tema amplamente debatido e validado. Segundo Patterson e Vozenilek (2015), treinamentos com Simulação têm sido incorporados não apenas à educação médica, mas também à certificação de competências clínicas, justamente por sua capacidade de reduzir falhas, padronizar condutas e melhorar resultados em saúde. Quando bem planejados, esses treinamentos se tornam parte do processo de acreditação hospitalar e dos sistemas de qualidade e segurança assistencial.

O treinamento prático em Simulação também proporciona desenvolvimento de habilidades psicomotoras essenciais. Procedimentos como intubação orotraqueal, cricotireoidotomia, punção intraóssea e manuseio de desfibriladores externos automáticos podem ser treinados repetidamente até que o profissional atinja segurança e domínio técnico.

Baldini *et al.* (2016) demonstraram que professores da área da saúde apresentaram aumento significativo nos acertos de testes teóricos e práticos após passarem por Simulação em reanimação cardiorrespiratória, consolidando essa metodologia como estratégia de ensino eficaz.

A Simulação também influencia positivamente o estado emocional dos profissionais, promovendo maior autoconfiança. Em ambientes de alta pressão, como emergências, é comum que o medo de errar afete a performance. A exposição repetida a cenários simulados permite que os profissionais desenvolvam resiliência emocional e se tornem mais preparados para lidar com situações inesperadas, com menor carga de estresse. Esse efeito psicológico positivo contribui não só para o bem-estar do trabalhador, mas também para a humanização do atendimento.

No campo da gestão de serviços de saúde, a Simulação possibilita a testagem e validação de fluxos,

protocolos e rotinas operacionais, funcionando como ferramenta estratégica. Simulações em ambiente hospitalar, por exemplo, podem revelar falhas de comunicação entre setores, problemas de acesso a insumos, fragilidades no transporte intra-hospitalar, entre outros pontos críticos, permitindo correções antes que eventos adversos ocorram.

A utilização do *Debriefing* pós-Simulação potencializa o processo de aprendizagem. Por meio da reflexão estruturada e mediada por facilitadores, os participantes revisam decisões tomadas, discutem falhas, identificam boas práticas e constroem coletivamente novas formas de agir. O *Debriefing* não é apenas uma etapa de *feedback*, mas um momento essencial para fixação do aprendizado e fortalecimento da cultura de melhoria contínua.

O avanço das tecnologias digitais tem impulsionado ainda mais a sofisticação das simulações. Ferramentas de realidade virtual,

inteligência artificial e sensores biométricos permitem experiências altamente imersivas e personalizadas. Esses recursos tornam o treinamento mais envolvente e eficaz, além de permitir a coleta de dados objetivos de desempenho.

Embora o custo da Simulação seja frequentemente apontado como um entrave, diversos estudos indicam que os benefícios superam os investimentos iniciais. Redução de erros, menor rotatividade de pessoal, melhor integração entre equipes e maior satisfação do paciente são resultados que geram retorno financeiro e institucional a médio e longo prazo.

Portanto, a Simulação não é apenas um recurso pedagógico complementar, mas sim uma estratégia essencial para o desenvolvimento de profissionais de emergência. Sua utilização sistemática contribui para elevar o padrão da prática clínica, melhorar a segurança do paciente e fortalecer a cultura

organizacional voltada à excelência.

Deste modo, a Simulação no treinamento de equipes de emergência constitui uma abordagem contemporânea, baseada em evidências, capaz de transformar a formação, a atuação e os resultados de profissionais que lidam com situações críticas. Ao integrar tecnologia, metodologia ativa e foco na segurança, essa estratégia se alinha aos princípios de uma assistência de qualidade, segura, eficiente e centrada no paciente.

CAPÍTULO 5

Simulação de Comunicação de Más Notícias ao Paciente Oncológico com Base no Protocolo SPIKES

A comunicação de más notícias constitui uma das tarefas mais complexas e emocionalmente desafiadoras da prática médica, especialmente no contexto da Oncologia. Informar um diagnóstico grave, a progressão da doença ou limitações terapêuticas exige do médico não apenas domínio técnico, mas também sensibilidade, empatia, escuta ativa e preparo emocional. No entanto, apesar de sua relevância, essa competência ainda é pouco explorada de forma estruturada durante a graduação em Medicina.

Com o objetivo de suprir essa lacuna na formação médica, o ensino do Protocolo SPIKES tem sido amplamente recomendado como uma estratégia eficaz para capacitar estudantes e profissionais da saúde na comunicação de notícias difíceis. O protocolo propõe uma abordagem sistematizada em seis etapas — *Setting up, Perception, Invitation, Knowledge, Emotions e Strategy and Summary* — que orientam o médico a conduzir a conversa de maneira ética, empática e centrada no paciente.

A aplicação adequada do Protocolo SPIKES permite ao médico alcançar objetivos fundamentais durante a comunicação de más notícias, tais como compreender a percepção do paciente sobre sua condição, transmitir informações médicas de forma clara e gradual, oferecer suporte emocional e estimular a participação ativa do paciente no planejamento do tratamento. No contexto oncológico, em que decisões complexas e impactos emocionais

são frequentes, essa habilidade torna-se ainda mais indispensável.

Dessa forma, a utilização da Simulação clínica como ferramenta pedagógica surge como uma estratégia valiosa para o ensino da comunicação de más notícias, permitindo que internos de Medicina vivenciem situações realistas em ambiente seguro, com possibilidade de reflexão e aprimoramento por meio do *feedback* estruturado.

Este capítulo descreve um programa de ensino por Simulação voltado à Comunicação de Más Notícias ao Paciente Oncológico, fundamentado no Protocolo SPIKES e nos princípios da Ética Médica, direcionado a internos de Medicina.

A pesquisa se baseia em um estudo descritivo, com abordagem qualitativa, realizado por meio de um workshop educativo desenvolvido em ambiente universitário. A atividade foi composta por duas

etapas principais: uma aula interativa e uma prática de Simulação clínica.

Inicialmente, os internos participaram de uma aula expositiva e dialogada sobre comunicação de más notícias e o Protocolo SPIKES, ministrada pela professora Fátima Giovagnini. Essa etapa teve como objetivo introduzir os fundamentos teóricos do protocolo, discutir aspectos éticos envolvidos na comunicação com pacientes oncológicos e preparar os alunos para a atividade prática.

Em seguida, foi realizada a Simulação clínica, com a participação de atores treinados para desempenhar os papéis de pacientes oncológicos e familiares. Foram apresentados dois cenários distintos, nos quais os internos deveriam conduzir a comunicação de notícias difíceis seguindo as etapas do Protocolo SPIKES.

No primeiro cenário, foi apresentado um

paciente masculino, de 46 anos, policial, diagnosticado com Adenocarcinoma de Cólon Esquerdo, estadiamento T4/N1/M1, com metástase hepática. O paciente demonstrava comportamento tenso, resistência ao contato físico e à demonstração de empatia, além de dificuldade na compreensão da gravidade da situação clínica. Esse cenário foi elaborado para desafiar os internos no manejo de pacientes emocionalmente fechados e resistentes à comunicação.

O segundo cenário envolveu uma paciente de 36 anos, diagnosticada com Câncer de Colo Uterino do tipo escamoso, em estadiamento IA2, que compareceu à consulta acompanhada do marido para iniciar um programa de estimulação pré-natal. O contexto exigia dos internos sensibilidade adicional para lidar com expectativas reprodutivas, presença do familiar e impacto emocional da notícia.

Após cada atendimento ao paciente simulado,

os internos participaram de uma sessão de *Debriefing* conduzida pelos professores, momento destinado à reflexão sobre a experiência, identificação de pontos fortes e fracos, esclarecimento de dúvidas e consolidação do aprendizado.

O workshop foi ofertado a 32 internos de Medicina do quinto e sexto anos da graduação. Desses, nove internos participaram ativamente da Simulação clínica. Durante as atividades práticas, observou-se que os participantes demonstraram insegurança no manejo do Protocolo SPIKES, apesar do esforço em acolher os pacientes simulados de forma empática.

Como aspecto positivo, todos os participantes apresentaram desempenho considerado “adequado” na etapa Setting up, relacionada à preparação do ambiente e à organização inicial da comunicação. Por outro lado, como principal fragilidade, cinco participantes tiveram desempenho classificado como

“inadequado” nas etapas *Emotions* e *Summary and Strategy*, evidenciando dificuldades no manejo das reações emocionais dos pacientes e no planejamento conjunto das próximas etapas do cuidado.

Esses pontos críticos foram amplamente discutidos e reforçados durante as sessões de *Debriefing*, permitindo aos internos refletirem sobre suas atitudes, linguagem verbal e não verbal, além da importância do encerramento claro e compassivo da comunicação.

O ensino do Protocolo SPIKES por meio da Simulação clínica demonstrou ser um componente fundamental na formação de estudantes de Medicina, especialmente para prepará-los para uma prática médica mais sensível, ética e compassiva no cuidado ao paciente oncológico.

A experiência evidenciou que, embora os internos apresentem boa disposição para acolher o

paciente, ainda existem lacunas importantes no manejo das emoções e na construção de estratégias compartilhadas de cuidado. Dessa forma, o estudo sugere que atividades semelhantes sejam replicadas e ampliadas no currículo médico, proporcionando uma experiência educacional mais abrangente e consistente no desenvolvimento das habilidades de comunicação.

CAPÍTULO 6

Simulação de Atividade Educativa Direcionada a Internos de Medicina: Simulação de Experiência em Provas de Residência Médica

A transição da graduação em Medicina para a residência médica representa um dos momentos mais desafiadores da formação do futuro médico. Além da sólida base teórica exigida, os concursos de residência médica passaram a incorporar, de forma cada vez mais frequente, avaliações práticas baseadas em Simulação clínica. Esse formato busca avaliar competências essenciais, como raciocínio clínico, tomada de decisão sob pressão, habilidades de comunicação, postura profissional e capacidade de manejar situações complexas em tempo limitado.

Nesse contexto, o conhecimento prévio da estrutura das provas práticas e a vivência de situações semelhantes às enfrentadas nos concursos tornam-se fundamentais para os internos de Medicina. A imersão em ambientes simulados, que reproduzem cenários clínicos realistas, possibilita ao estudante experimentar condições muito próximas da realidade, com a presença de avaliadores, tempo cronometrado e necessidade de respostas rápidas e fundamentadas.

Além de favorecer o aprendizado técnico, a Simulação contribui para o desenvolvimento do controle emocional e da gestão do estresse, fatores determinantes para um bom desempenho nas provas de residência e na futura prática profissional. Internos que recebem treinamento específico para esse tipo de avaliação tendem a se sentir mais confiantes, preparados e seguros diante dos desafios impostos pelos concursos médicos.

Com o objetivo de proporcionar aos internos do

último período do curso de Medicina (M12) uma oportunidade de familiarização com o novo formato das provas de residência médica, foi realizada uma atividade educativa baseada em Simulação, estruturada de forma semelhante a um exame teórico-prático adotado por instituições de excelência no país.

O objetivo deste estudo é relatar a experiência de uma atividade de Simulação em Emergência, voltada à preparação de internos de Medicina para provas práticas de concursos de residência médica, inspirada nos modelos utilizados por instituições de referência nacional.

Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem quantitativa e qualitativa. Participaram da atividade 54 internos do último período do curso de Medicina, distribuídos em três grupos, com 18, 19 e 17 participantes, respectivamente, ao longo de três dias consecutivos.

Em cada dia, foi realizada uma avaliação prática distinta, baseada em cenários de trauma, cuidadosamente elaborados para representar situações clínicas de alta complexidade e relevância na Medicina de Emergência. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concordando voluntariamente em participar do estudo.

A atividade educativa foi estruturada em três etapas principais:

- ✓ Pré-teste, composto por 10 questões objetivas relacionadas a emergências traumáticas, com o objetivo de avaliar o conhecimento prévio dos internos;
- ✓ Avaliação prática por Simulação, em que o participante realizou o atendimento a um paciente padronizado, vítima de trauma, em ambiente simulado;

- ✓ Pós-teste, aplicado após a atividade prática, com a finalidade de analisar o aprendizado adquirido.

Durante a avaliação prática, cada interno foi acompanhado por um avaliador, que observou o desempenho em tempo real. O participante foi orientado a realizar uma anamnese direcionada, formular hipóteses diagnósticas e responder às perguntas do paciente, previamente programadas. Exames laboratoriais, exames de imagem e pareceres de especialistas foram disponibilizados sob demanda, conforme as solicitações do avaliado.

Cada cenário de Simulação teve duração aproximada de oito minutos. O papel do paciente foi desempenhado por um monitor da disciplina de Emergências Médicas, devidamente treinado para atuar como paciente padronizado. Os examinadores não possuíam informações prévias sobre a origem dos participantes, tendo contato com eles apenas no

momento da avaliação, garantindo maior imparcialidade.

O desempenho dos internos foi registrado por meio de um instrumento de avaliação semiestruturado, do tipo *checklist*, que permitiu analisar objetivamente as ações realizadas durante o atendimento. Ao final da atividade, foi conduzida uma discussão em grupo sobre os casos simulados, mediada pelos professores do Internato, com espaço para esclarecimento de dúvidas, *feedback* e reflexão crítica.

Na avaliação prática realizada em cenário de Simulação de atendimento ao paciente padronizado vítima de trauma, o primeiro grupo (n = 18) apresentou um índice de acertos de 53,7%. O segundo grupo (n = 19) obteve 47,8% de acertos, enquanto o terceiro grupo (n = 17) alcançou 55,6% de acertos.

Os resultados dos testes de aprendizagem,

aplicados antes e após a Simulação, situaram-se dentro da faixa de corte previamente estabelecida, correspondente a 50% de acertos para cenários considerados de alta complexidade. Esses dados indicam desempenho satisfatório dos internos, compatível com o nível de dificuldade proposto pela atividade.

Durante a avaliação prática por Simulação, os participantes demonstraram níveis elevados de estresse e tensão, evidenciando o impacto emocional inerente a esse tipo de exame. Ainda assim, os resultados obtidos foram considerados satisfatórios e compatíveis com os objetivos da atividade.

Diante disso, conclui-se que a realização de atividades educativas baseadas em Simulação, com cenários clínicos semelhantes aos utilizados em provas de residência médica, deve ser incentivada e reproduzida na formação dos internos de Medicina. Essa estratégia contribui significativamente para a

preparação técnica, emocional e profissional dos estudantes, favorecendo um melhor desempenho em avaliações futuras e uma atuação mais segura na prática médica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Simulação clínica consolidou-se, ao longo das últimas décadas, como uma das mais relevantes estratégias educacionais na formação médica contemporânea. Ao permitir que estudantes de Medicina vivenciem situações clínicas realistas em um ambiente seguro e controlado, essa metodologia favorece o desenvolvimento integrado de competências técnicas, cognitivas, comunicacionais, éticas e emocionais, essenciais para a prática médica responsável e de qualidade.

Ao longo deste livro, foram apresentadas diferentes experiências educacionais baseadas em Simulação, aplicadas a contextos variados e desafiadores da prática médica. Os capítulos abordaram desde situações clássicas de Emergência, como a abordagem do paciente com dor torácica e o

atendimento ao traumatismo ocular, até cenários de maior complexidade, envolvendo emergências no paciente oncológico, cuidados paliativos, Telessaúde e comunicação de más notícias. Além disso, a obra contemplou a Simulação como ferramenta preparatória para provas práticas de residência médica, evidenciando sua relevância também no processo avaliativo e na transição para a vida profissional.

De forma transversal, os programas descritos demonstraram que a Simulação contribui significativamente para o aprimoramento do raciocínio clínico, a aplicação adequada de protocolos, a tomada de decisão em ambientes de alta pressão e o fortalecimento do trabalho em equipe. O uso do *Debriefing* como etapa fundamental do processo educativo mostrou-se indispensável para a reflexão crítica, permitindo que os estudantes reconheçam seus acertos, identifiquem fragilidades e transformem

a experiência prática em aprendizado significativo.

Outro aspecto central evidenciado nesta obra foi a importância da formação humanizada do futuro médico. A comunicação empática, o respeito à autonomia do paciente, o manejo ético de situações delicadas e a sensibilidade no cuidado ao paciente oncológico foram temas recorrentes, reforçando que a excelência técnica deve caminhar lado a lado com a dimensão humana do cuidado em saúde.

Dessa forma, este livro reafirma a Simulação clínica como uma ferramenta pedagógica versátil, eficaz e alinhada às demandas atuais da educação médica. Ao reunir experiências práticas e bem-sucedidas, a obra busca não apenas compartilhar conhecimento, mas também incentivar docentes, instituições de ensino e gestores acadêmicos a ampliarem a implementação de programas de Simulação nos currículos de graduação em Medicina.

Acredita-se que investir em metodologias ativas como a Simulação é investir na formação de médicos mais preparados, críticos, seguros e comprometidos com a qualidade da assistência prestada. Assim, espera-se que este material contribua para o fortalecimento do ensino médico e para a construção de uma prática profissional mais competente, ética e centrada no paciente.

REFERÊNCIAS

BARCELLA, Bruno et al. Structured simulation-based education in emergency medicine residency programs: Pavia's proposal for competence development and crisis management (Italy). **Emergency Care Journal**, v. 21, n. 4, 2025.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Telessaúde Brasil Redes: fundamentos e diretrizes. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Acesso e,: 20 de out. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/seidigi/sus-digital/telessaude>

CANT, Robyn P.; COOPER, Simon J. Simulation-based learning in nurse education: systematic review. **Journal of advanced nursing**, v. 66, n. 1, p. 3-15, 2010.

ĆERANIĆ, J.; PELIČIĆ, D.; SAVELJIĆ, M. **Building leadership in nursing practice**. Sanamed, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5937/sanamedo-48964>.

CHENG, Adam et al. *Debriefing* for technology-enhanced simulation: a systematic review and meta-analysis. **Medical education**, v. 48, n. 7, p. 657-666, 2014.

CROWE, Daniel et al. Leadership development practices and hospital financial outcomes. **Health Services Management Research**, v. 30, n. 3, p. 140-147, 2017.

DZHUMATOVICH, Akilbekov Saken; SALIMROUHI, Elnaz. Simulation-based education as a tool for enhancing the quality of medical education. **Journal of Preventive and Complementary Medicine**, v. 4, n. 1, p. 45-59, 2025.

FERRELL, Betty R. et al. Integration of palliative care into standard oncology care: American Society of Clinical Oncology clinical practice guideline update. **Journal of clinical oncology**, v. 35, n. 1, p. 96-112, 2017.

FISK, Patrick et al. Simulation education in the age of competency-based medical education: a study of the use of simulation-based education in Canadian emergency medicine programs. **Canadian Journal of Emergency Medicine**, p. 1-9, 2025.

HOCK, Sara et al. Integrating Longitudinal Simulation-Based Education: Enhancing Trainee Competence in US Emergency Medicine Residency Programs. **Journal of Emergency Medicine**, v. 68, p. 96-99, 2025.

JENVALD, Johan; MORIN, Magnus. Simulation-supported live training for emergency response in hazardous environments. **Simulation & Gaming**, v. 35, n. 3, p. 363-377, 2004.

KINCAID, J. Peter; DONOVAN, Joseph; PETTTTT, Beth. Simulation techniques for training emergency response. **International Journal of Emergency Management**, v. 1, n. 3, p. 238-246, 2003.

LATEEF, Fatimah Abdul; PEK, PekJen Heng; WONG, Evelyn Wong. Simulation training for emergency teams. **Education in Medicine Journal**, v. 7, n. 4, 2015.

LYOVKIN, O. A.; PERTSOV, V. I. Simulation training on the emergency medical care. **Emergency medicine**, p. 128-31, 2018.

MARTINS, Luís Mauro Sá. **Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos**. Editora Vozes Limitada, 2017.

MAXIMIANO, A.C.A. **Teoria Geral da Administração: da escola científica à competitividade na economia globalizada**. 2^a ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MCLAUGHLIN, Steven A.; DOEZEMA, David; SKLAR, David P. Human simulation in emergency

medicine training: a model curriculum. **Academic Emergency Medicine**, v. 9, n. 11, p. 1310-1318, 2002.

MUNDO, William et al. Bridging the language gap: Simulation-based education improves communication, confidence, and knowledge for emergency medicine residents working with interpreters. **AEM Education and Training**, v. 9, n. 3, p. e70056, 2025.

PATTERSON, M.; VOZENILEK, J. **Simulation-based emergency medicine and disaster training**. [S.l.: s.n.], 2015.

PREGITZER, Lynn M. **The future of physician leaders: A study of physician leadership practices**. Pepperdine University, 2014.

THIEBAUD, Pierre-Clément et al. Designing simulation-based curriculum content for emergency medicine residents in France: a Delphi method. **BMC Medical Education**, v. 24, n. 1, p. 924, 2024.